

Orquidário



Volume 23, n° 1
Janeiro a Março 2009



Editor

Carlos E.M. Carvalho

Conselho Editorial

Antônio Ventura Pinto

Carlos A.A. Gouveia

Maria do Rosário de A. Braga

Publicação da OrquidaRIO
Orquidófilos Associados

Deseja-se permuta com publicações afins. Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao editor, em CD, DVD ou enviados por e-mail, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor, mas informações no site www.orquidario.org

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (ã), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-007, Rio de Janeiro, RJ
Telefax.: (21)2233-2314

email:orquidario@orquidario.org

Diretoria Executiva

Presidente

Maria do Rosário de Almeida Braga

Vice-presidente

Fernando Setembrino

Diretores

Técnico - Carlos A. A. Gouveia

Administrativo financeiro - Ricardo de F. Filho

Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação

Willian Santiago

Marcus Rezende

Comissão Divulgação

Maria Aparecida Loures

Carlos Manuel de Carvalho

Comissão de Exposições

Colette Augusta Billeter de Souza

Alexandre Cruz de Mesquita

Conselho Deliberativo

Presidente

Sylvio Rodrigues Pereira

Vogais:

Álvaro Pessoa

Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto

Patrícia Queiroz Tanure

Paulo Damaso Peres

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita-1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

Marlene Paiva Valim - 2003-05

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 108,00	R\$ 200,00	R\$ 300,00
Sócios Correspondentes	R\$ 56,00	R\$ 100,00	R\$ 144,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40,00	US\$ 70,00	US\$ 105,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

INDICE

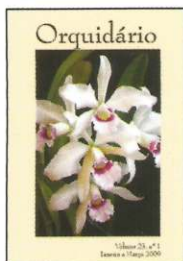
Orquidário Volume 23, nº1

EDITORIAL

Editorial 04

Fenologia de *Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl. no Jardim de 05
Biodiversidade do Herbário da UFMT, Cuiabá, Mato Grosso
Miramy Macedo, Marcos Vinicius de Carvalho & Adarilda Petini-Benelli

Uma Proposta para Classificação das Variedades da *Laelia purpurata* 14
Lindley
Carlos Gomes



Laelia purpurata 'D. Norma' é um lindo exemplar da variedade "anelata", cultivada por Carlos Keller, no Rio de Janeiro, RJ.

Foto: Carlos Keller.

Editorial

Comecei a escrever este editorial ainda na balsa entre Vila Abraão e Mangaratiba, voltando da segunda expedição que a OrquidaRio fez à Ilha Grande. Este ano, além de várias outras atividades da nossa associação, estaremos também desenvolvendo o projeto “Levantamento das Orquídeas da Ilha Grande”, novamente com a ajuda financeira da San Diego County Orchid Society. Muitos devem se perguntar: por que uma sociedade orquidófila leiga está novamente se envolvendo em um levantamento de orquídeas e agora de uma área tão grande? Confesso que eu mesmo hesitei em nos comprometer com tão grande empreitada. Mas o incentivo de alguns sócios, depois de termos passado pela experiência positiva do nosso trabalho na Reserva Ecológica de Guapiaçú, e a possibilidade de, desta vez, termos como parceiros o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), foram suficientes para elaborarmos o novo projeto. Aproveitar a disposição, a experiência e o conhecimento dos sócios para conhecermos melhor a flora de um importante remanescente de Mata Atlântica já é, em si, uma boa motivação para encararmos um projeto como este. No caso da Ilha Grande, a parceria com o PEIG tem se mostrado fundamental pois, além do grande auxílio logístico, só eles tem autorização para coleta de material, por tratar-se de um parque. Obtendo as informações de uma maneira sistemática e depositando os exemplares coletados no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, estaremos contribuindo efetivamente para o conhecimento da família Orchidaceae na região. Além disto, sabemos que poderemos contar também com a ajuda dos associados que são botânicos especializados na família, para a identificação das espécies encontradas. “Conhecer para Conservar” é uma afirmação já bastante disseminada no mundo. No capítulo II dos estatutos da OrquidaRio, “dos fins sociais” lê-se: lutar pela preservação e perenização das espécies em seu meio ambiente e mapear os habitats brasileiros, pesquisá-los, identificar e classificar os gêneros e espécies nativas. Estamos trabalhando, com prazer, para alcançar os nossos objetivos. E a cada expedição nos deparamos com uma nova surpresa.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
Presidente.

Fenologia de *Solenidium Lunatum* (Lindl.) Kraenzl. no Jardim de Biodiversidade do Herbário da UFMT, Cuiabá, Mato Grosso

Miramy Macedo¹, Marcos Vinícius de Carvalho² & Adarilda Petini-Benelli³

¹Botânica, Curadora do Herbário UFMT.

²Biólogo.

³ Bióloga. Pesquisadora do Herbário UFMT., Caixa Postal 198, Centro, CEP: 78005-970, Cuiabá – MT. E-mail: ada.benelli@gmail.com.

ABSTRACT – Observations of the phenophases of *Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl. at the orchidarium in the Biodiversity Garden at the University of Mato Grosso Herbarium, Cuiaba City, Mato Grosso State, during the months of February and March 2005. Of the 497 specimens distributed among 28 tree fern plates, 59 reached the flowering phenophase and only one reached the fruiting phenophase. Factors such as moisture, availability, light, nutrients, and biotic interactions determined the observed phenophases.

Keywords: *Solenidium lunatum*, ex situ cultivation, phenophases, Orchidaceae.

RESUMO - Observações das fenofases de *Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl. no orquidário do Jardim de Biodiversidade do Herbário UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, durante os meses de fevereiro e março de 2005. Dos 497 indivíduos distribuídos entre 28 placas de xaxim, 59 atingiram a fenofase de floração e apenas um chegou à fenofase de frutificação. Fatores como a umidade, disponibilidade, luz, nutrientes e as interações bióticas determinaram as fenofases observadas.

Palavras-chaves: *Solenidium lunatum*, cultivo *ex situ*, fenofases, orquidácea.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos locais de maior ocorrência da família Orchidaceae com cerca de 10% das espécies descritas para o mundo todo (Macedo *et al.* 2002), sendo que dentre os principais gêneros destacam-se os da subtribo Oncidiinae, de flores reunidas em inflorescência e com predominância da coloração amarela. São encontradas em diversos habitats, nos mais variados biomas brasileiros, tanto em florestas ripárias quanto nas diversas fitofisionomias de cerrados e capoeiras do Brasil (Menezes, 2004). Das espécies registradas no cerrado destaca-se o *Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl. (Fig.1) publicado em Das Pflanzenreich 80: 316. 1922 (Engler, 1922). Tem como basionímio *Oncidium lunatum* Lindl. (Lindley, 1837). São seus sinônimos: *Oncidium lunatum* Lindley, *Leochilus mattogrossensis* Cogniaux, *Solenidium mattogrossensis* (Cogniaux) Schlechter e *Rodriguezia lindmanii* Kraenzlin. Sua distribuição é muito ampla, sendo citado para as floras nativas da Guyana, da Venezuela, do Ecuador, do Peru e do Brasil (Peruorchids, 2007). Também é citado para a Bolívia (IOSPE, 2007).



Fig 1. *Solenidium lunatum* (Lindl) Kraenzl. – Fonte: Engler, 1922.

Petini-Benelli (2006) descreve *S. lunatum* como uma herbácea epífita de mata sombreada e úmida. Possui raízes numerosas, finas, densas e fasciculares, pseudobulbo ereto a um pouco inclinado de cor verde medindo de 2,5 a 3 cm alt. x 22 mm larg. Folhas lanceoladas (geralmente duas) de 15 cm com nervura central destacada, que saem do ápice do pseudobulbo de 2 cm, achatado e verde-claro. Inflorescência de até 20 cm, ereta, surge da base do pseudobulbo, portando 15-20 flores creme maculadas de marrom. Labelo branco, pintalgado.

Sua etimologia: do grego *solen*, *solenis* = canal, tubo, pequeno canal que parte da base do labelo; de *luno*, *as*, *are* = curvar, dobrar a modo de crescente, alusão ao labelo que lembra uma lua crescente.

Com poucos trabalhos realizados ainda para Mato Grosso abordando as orquídeas nativas, poucos autores citaram a ocorrência de *S. lunatum* em suas pesquisas. Macedo *et al.* (2002), Araldi (2003) e Petini-Benelli (2006) apresentam levantamentos e espécies de orquídeas presentes em Mato Grosso, até como indicadoras de tipos vegetacionais, de pluviosidade, de duração das estações e da intensidade das alterações antrópicas, incluindo referências à espécie em estudo. Essa carência de trabalhos, associada à destruição contínua dos habitats naturais desta espécie no estado de Mato Grosso, pondo em risco sua existência, justifica o presente trabalho que visou acompanhar os processos fenológicos de *S. lunatum* em cultivo no Orquidário do Jardim de Biodiversidade do Herbário UFMT, no Campus Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso. Com isso, propõe-se oferecer subsídios para a preservação desta e de outras espécies relacionadas em ambiente adverso ao seu habitat natural, os viveiros destinados para a conservação *ex situ*.

ÁREA DE ESTUDO

O Herbário UFMT, situado à Avenida Fernando Corrêa da Costa, s/n, Campus Cuiabá, Mato Grosso, próximo ao CCBS II, é a unidade relacionada com estudos botânicos sobre a flora regional nacional e internacional, faz parte do Jardim Botânico e está ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMT (PROPeq). Tem, como anexo, o Orquidário, inaugurado em outubro de 2002, localizado entre 15° 36' 536"S e 56° 03' 723"W, com armação de madeira recoberto por sombrite de 50% e uma área de 330,32 m². Em área destinada à construção do Centro de Referência da Biodiversidade do Estado de Mato Grosso, foi instalada a nova estufa do Orquidário que passou a integrar o Jardim de Biodiversidade do Herbário UFMT, sendo toda a coleção transferida para as novas instalações. Esta estufa foi inaugurada em 03 de agosto de 2007.

MATERIAL E MÉTODOS

As observações realizadas para o levantamento dos dados necessários para esse estudo deram-se na estufa antiga do Orquidário (de madeira e sombrite). A grande maioria das plantas eram acondicionadas afixadas a placas de xaxim, penduradas com arames nas vigas de madeiras a uma distancia que variava de um metro e quarenta a três metros do solo, contendo de uma a duas espécies da família Orchidaceae em cada placa. A irrigação era realizada por micro aspersão. O solo, desprovido de piso ou contrapiso, era coberto por brita calcárea, contribuindo assim para a umidade do Viveiro.

As observações das fenofases do *S. lunatum* cultivadas no JB/HUFMT foram realizadas durante os meses de fevereiro e março de 2005. Inicialmente procurou-se identificar e localizar as placas de xaxim contendo apenas *S. lunatum*, na área do JB/HUFMT, tendo o cuidado de enumerar cada uma delas. Para cada placa foi anotada a ocorrência dos seguintes eventos: número de indivíduos, floração e frutificação. Sendo que adotou-se o método adaptado de Fournier (1974), onde notas são atribuídas como forma de referência para uma melhor compreensão dos resultados. As notas variam de 0 e 4, significando números em porcentagem, como representado abaixo.

Notas:

0 – ausente

1 – evento ocorrendo: de 1 a 25%

2 – de 26 a 50%

3 – de 51 a 75%

4 – de 76 a 100%

(-) – Indivíduos mortos

Foi elaborado ainda um mapa (Fig 2) da distribuição das placas observadas no interior do Viveiro, para melhor acompanhamento e visualização dos fenômenos estudados. Este mapa está dividido em cinco quadrantes tendo como base as vigas de madeiras laterais, para melhor sinalização da localização das espécies estudadas. Vale ressaltar que todos os eventos anotados foram submetidos à análise estatística.

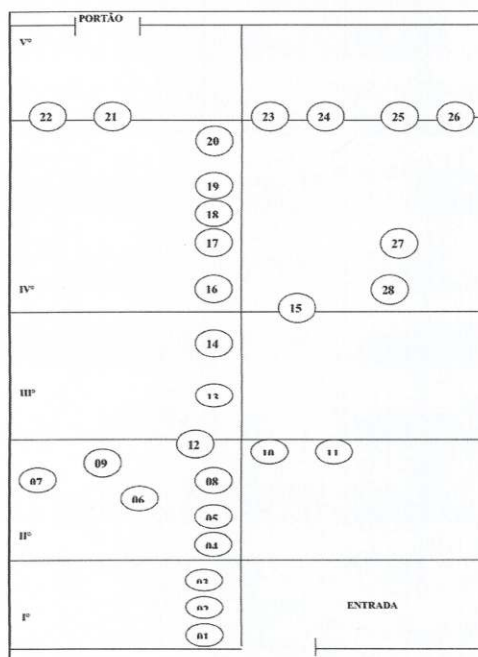


Fig 2. Área de estudo. Os círculos correspondem à posição das placas com suas respectivas numerações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Quadro 01 são apresentados os dados fenológicos da floração e frutificação em indivíduos de *S. lunatum* no JB/HUFMT no período de fevereiro a março de 2005 (Fig 3).

Placa nº	Nº Ind.	Floração	Frutificação	Meses		Nota	
				Fev	Mar	Floração	Frutificação
1	15	5	0	X	-	2	0
2	31	5	0	-	X	1	0
3	27	10	1	-	X	2	1
4	9	0	0	-	-	0	0
5	43	1	0	X	-	1	0
6	14	0	0	-	-	0	0
7	21	4	0	-	X	1	0
8	30	0	0	-	-	0	0
9	18	5	0	X	-	2	0
10	25	5	0	X	X	1	0
11	9	0	0	-	-	0	0
12	35	4	0	X	-	1	0
13	22	0	0	-	-	0	0
14	10	6	0	X	X	3	0
15	20	0	0	X	X	0	0
16	7	6	0	X	-	4	0
17	2	0	0	-	-	0	0
18	19	1	0	X	-	1	0
19	7	4	0	-	X	3	0
20	5	0	0	-	-	0	0
21	8	0	0	-	-	0	0
22	16	0	0	-	-	0	0
23	19	0	0	-	-	0	0
24	3	0	0	-	-	0	0
25	19	0	0	-	-	0	0
26	27	0	0	-	-	0	0
27	17	2	0	-	X	1	0
28	19	1	0	-	X	1	0
TOTAL	497	59	1	9	9		

Quadro 1. Representação do número de placas com os indivíduos e os resultados das fenofases de floração e frutificação.

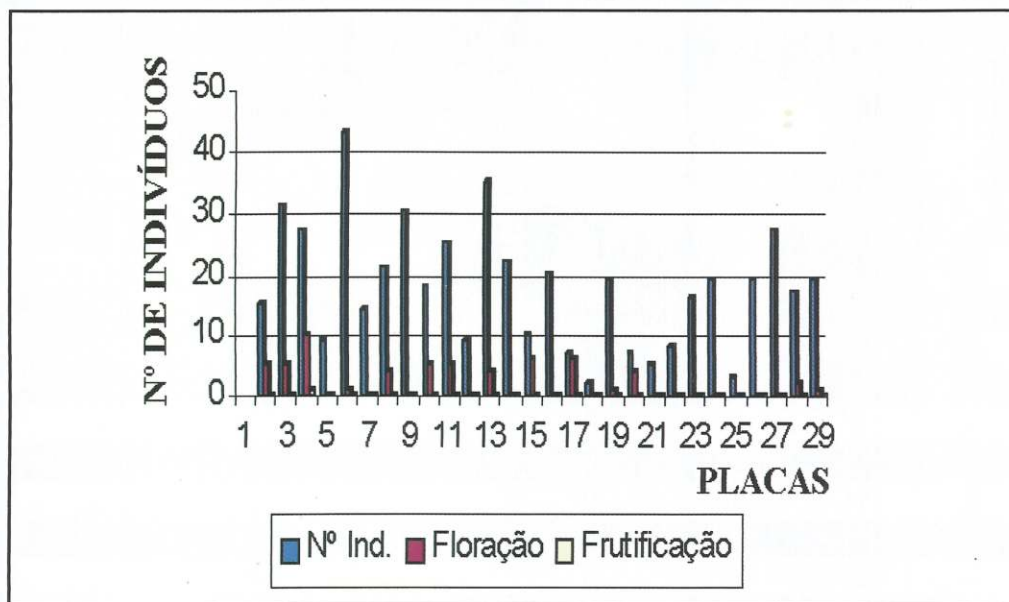


Fig 3. Representação gráfica das fenofases de floração e frutificação do *S. lunatum* (Lindl) Kraenzl. durante o período de estudo.

Dos 497 indivíduos analisados, apenas 59 chegaram à fenofase de floração (11,8%). Segundo Macedo *et al.* (2002) a floração do *S. lunatum*, ocorre no mês de janeiro a março. Primack & Rodrigues (2001), argumenta que a sobrevivência e a reprodução determinam as taxas de crescimento populacional e o ajustamento evolutivo de indivíduos dentro das populações. Os indivíduos dependem dos fatores biológicos e físicos de seu meio. Para sobreviverem devem tolerar os estresses do ambiente e adquirir mecanismos adaptativos para sobreviver às condições adversas do ambiente (Nunes *et al.*, 2004).

Moraes (2007) reafirma que efeitos estressantes da retirada de indivíduos do seu habitat natural são responsáveis pela lacuna na floração de orquídeas em geral, pelo menos, até que estas consigam aclimatar-se, o que geralmente leva de dois a três anos variando de espécie para espécie. Para Mulkey *et al.* (1996) nos ciclos fenológicos de floração podem ocorrer variações, principalmente devido a este fenômeno ser altamente regulado pela disponibilidade de nutrientes e pela presença de fotoassimiladores de maneira mais efetiva que os demais fatores fenológicos.

Observando ainda o Quadro 01 dos 497 indivíduos analisados, apenas a placa de nº 3, com 27 indivíduos, sendo 10 com floração, atingiu a fenofase de frutificação com a formação de 1 fruto (3,7%). O indivíduo nº 3 do quadro analisado desenvolveu uma inflorescência de 20 cm, formada por 14 flores e apenas a flor localizada no ápice da haste floral formou o fruto, caracterizando a presença de um agente polinizador, no interior do Viveiro ou na sua proximidade, haja vista a localização da placa estar no primeiro quadrante bem próximo ao portão de entrada (Quadro 1).

A Tabela 02 mostra notas e valores percentuais atribuídos as placas, onde verificou-se que 50% das placas não apresentaram floração, 28,6% (1) apresentaram floração de 1 a 25% dos indivíduos; 10,7% (2) para indivíduos com floração entre 26 a 50%; 71% (3) com floração de 51% a 75% e 3,6% (4) para floração entre 76% a 100% de indivíduos (Quadro 2).

Quadro 2. Percentual de notas (0-4) de acordo com as fenofases de floração e frutificação de *S. lunatum* (Lindl) Kraenzl. no Orquidário, durante o período de estudos.

Notas	Nº de Placas	%
0	14	50
1	08	28,6
2	03	10,7
3	02	7,1
4	01	3,6

Observando a Fig. 2 que demonstra a posição das placas no interior do Viveiro, nota-se que as placas que obtiveram maior floração de acordo com os critérios estabelecidos foi a de nº 16 (com a nota 4, correspondendo a 85% dos indivíduos floridos) a de nº 19 (com a nota 3 - 57% dos indivíduos floridos), ambas localizadas no quarto quadrante do Viveiro e a de nº 14 (também com nota 3 - 75% dos indivíduos floridos) localizada no final do terceiro quadrante.

Foi verificado também que o número de placas que ocupam os segundo, terceiro e quarto quadrantes, apresentando notas que variam de zero a dois, é bastante significativo. E as placas do primeiro quadrante, nº 1 e nº 3 receberam a nota 2 enquanto à nº 2 foi atribuída a nota 1.

Talvez esta disposição da espécie estudada no Viveiro permita inferir que a floração é positivamente influenciada pela intensidade luminosa, quanto menor a proximidade dos portões de entrada e saída, menor a intensidade luminosa direta, e pelos mecanismos fisiológicos envolvidos com a adaptação da espécie a locais fisicamente estressantes.

Entretanto, Araújo (2007) argumenta que os fatores ambientais, os quais evidenciaram seus efeitos na fenologia das plantas observadas, podem ser agrupados em 4 grandes classes: a umidade, as disponibilidades de luz e nutrientes e as interações bióticas. Partindo dessa premissa, no caso da espécie estudada, tudo indica que os três primeiros fatores são os reais responsáveis pela fenofase floral resultante no presente trabalho.



Fig 4. *Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl. Foto: Maria Rita Cabral

CONCLUSÃO

É preocupante constatar o baixo índice de polinização em *S. lunatum* sob conservação ex situ, pois esse fator pode reduzir em muito as chances de reposição dessa espécie no habitat, apesar de restar ainda a possibilidade de polinização artificial. Mais preocupante ainda, verificar que seu status sequer foi considerado pela IUCN, já que não consta da última atualização em 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos neste estudo, observou-se, em curto espaço de tempo, que *S. lunatum*, apesar de ser uma erva epífita de mata úmida e sombreada, encontra-se em fase de aclimação, no interior do JB/HUFMT. Possibilitando o aprofundamento de estudos fenológicos, de germinação e de cruzamentos. Portanto quanto maior o número de informações disponível sobre esta e outras espécies, maiores serão as chances de sua preservação em um futuro próximo, caso haja necessidade de reintroduzi-las em seus habitats naturais, obtendo-se grandes percentagens de êxitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araldi, A. 2003. Orquídeas da região de Alta Floresta – Mato Grosso. Alta Floresta:UNEMAT.
- Araujo, D. 2007. Períodos de Floração. Disponível em: <http://www.delfinadearaujo.com>. Acesso em fev.07.
- Botanicus. 2007. *Solenidium lunatum*. Disponível em: <http://www.mobot.org>.

- Engler, A. 1922. Das Pflanzenreich: regni vegetabilis conspectus. Vol. 80. Disponível em: <http://www.botanicus.org>. Acesso em set.07.
- Fournier, L.A.O. 1974. Un método cuantativo para la medicion de características fenológicas in árboles. Turrialba V.24 m. p. 422 – 423, 1974.
- IOSPE. 2007. *Solenidium lunatum*. Disponível em: <http://www.orchidspecies.com/sollunata.htm>. Acesso em set.07
- IUCN. 2007. Red List of threatened Plants. Disponível em <http://www.iucn.org> Acesso em fev.07.
- Macedo, M.; Carvalho, J.M.K. & Nogueira, F.L. 2002. Plantas Medicinais e Ornamentais da Área de Aproveitamento Múltiplo de Manso, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Cuiabá, Ed. UFMT, 2002.
- Menezes, L.C. 2004. Orquídeas do Planalto Central Brasileiro. Brasília:IBAMA.
- Moraes, C.P. 2007. Orquídeas In: Flora Brasileira Pró Orquídea. Disponível em <http://www.fbpro.com.br/modulo>. Acesso em fev.07.
- Mulkey, S.S.; Chazdon, R.L. & Smith, A.P. 1996. Tropical florest plant ecophysiology. New York: Chapman & Hall.
- Peruorchids. *Solenidium lunatum* (Lindley) Kraenzlin. Disponível em: <http://www.peruorchids.com/galeria/s/solenidium/solenidium-lunatum.htm>. Acesso em jul.07.
- Petini-Benelli, A. 2006. Espécies de Orchidaceae em Áreas Protegidas de Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. IB/UFMT.
- Primack, R.B. & Rodrigues, E. 2001. Biologia da Conservação. Londrina:E.Rodrigues. 328p.



Distribuidora dos Fertilizantes



Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

Linha orgânica,

Linha de irrigação,

Substratos etc...

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br

Uma Proposta para Classificação das Variedades da *Laelia purpurata* Lindley

Carlos Gomes

www.orquidariocarlosgomes.com

Florianópolis - SC

A Proposal of Classification of Horticultural Varieties of *Laelia purpurata* Lindley.

Abstract: The article is a proposal for classification of horticultural varieties of *L. purpurata* Lindley, based on the regulations of the Santa Catarina State Orchid Association. In some cases there was a simplification and grouping of varieties, in order to facilitate understanding. "Form of the color" was considered a more important character than simply "color". The author makes comments about the present state of improvements in the varieties and about requirements for judging.

Resumo: O artigo é uma proposta de classificação das variedades hortícolas de *L. purpurata* Lindley, com base no Regulamento da Federação Catarinense de Orquidófilos. Em alguns casos, procurando facilitar o entendimento, houve simplificação e agrupamento de certas variedades e, ao longo do trabalho. "Forma de cor" é considerada como um caráter mais importante que a simples "cor". O autor faz comentários sobre o estado atual de melhoramento das variedades e sobre as exigências no julgamento.

Introdução

Um sistema de classificação de orquídeas deve ter critérios claros, bem definidos e de fácil entendimento, mesmo para iniciantes nessa arte maravilhosa que é cultivar orquídeas.

Nas exposições de *Laelia purpurata*, é comum encontrarmos plantas classificadas erroneamente e pessoas com dificuldade no entendimento das diferenças entre as variedades. Essa é também a maior dificuldade dos orquidófilos iniciantes, que gostam de classificar corretamente suas plantas.

O presente trabalho é uma proposta de classificação de variedades da *L. purpurata* Lindley, a flor símbolo do Estado de Santa Catarina, tendo como base o Regulamento da FCO (Federação Catarinense de Orquidófilos). É uma tentativa de se sistematizar a classificação das variedades dessa belíssima orquídea tão colecionada e tão valorizada, principalmente no sul do Brasil.

Duas premissas formam a base deste trabalho:

1) a simplificação, de modo a tornar fácil o entendimento da classificação das variedades, condição básica para que iniciantes entendam e tomem gosto pela arte de cultivar e colecionar a *Laelia purpurata*. Desse modo algumas variedades, com diferenças sutis, foram agrupadas, como no caso das variedades "josephinae" e "canhanduba" cuja diferença está apenas na tonalidade da cor rosa do labelo, tornando difícil, senão impossível diferenciar determinadas flores. Além disso, a variedade "josephinae" é conhecida quase que somente através de uma única planta, a "josephinae Knoll", cujo colorido do labelo é levemente mais suave que algumas "canhandubas", não justificando sua inclusão como variedade.



Fig. 1- *L. purpurata* var. flâmnea 'Lapurpurata'



Fig. 2- *L. purpurata* var. tipo 'Jaqueline'

2) a predominância da forma do colorido sobre o colorido. Assim, não consideramos como variedade a simples mudança de cor de algumas variedades de forma de colorido, como as oculatas roxo-violeta, as striatas ardósia, etc.. Como a forma de colorido sempre tem predominância sobre o colorido, entendemos que essas flores devem se encaixar nas variedades de forma do colorido, ou seja, continuam sendo "oculatas" e "striatas" independentemente do colorido.

Também colocamos um comentário, em cada variedade, tentando dar uma idéia do estado atual do melhoramento da variedade e orientando para maior ou menor exigência no julgamento. Para um guia de julgamento da *Laelia purpurata* propomos o Anexo 1.

Deve-se entender que o conceito de "variedade" usado neste trabalho é horticultural, usado e aceito há décadas por orquidófilos e colecionadores de orquídeas. Não é o conceito botânico.

Adotamos as duas categorias propostas pela FCO para a classificação da *Laelia purpurata*. Cada categoria contém as variedades agrupadas por alguma característica comum, totalizando 27 variedades. O critério de separação utilizado foi a dependência ou não do colorido da flor:

Categoria I - variedades dependentes do colorido:	Categoria II - variedades dependentes da forma do colorido:
1) tipo 2) ardósia 3) carnea 4) canhanduba 5) roxo-violeta 6) roxo-bispo 7) semi-alba 8) suave 9) russeliana 10) vinicolor 11) alba 12) concolor 13) rubra 14) sangüínea	a) Forma de colorido do labelo: 1) anelata 2) argolão 3) áurea 4) mandayana 5) marginata 6) multiforme 7) oculata 8) regina 9) schroederae 10) atro b) Forma de colorido das pétalas: 11) flâmea 12) striata 13) venosa

A categoria I é totalmente dependente do colorido da flor. A cor define a variedade.

A categoria II é independente do colorido da flor. As flores dessa categoria podem ter qualquer cor. A forma do colorido tem predominância sobre o colorido. Por exemplo: flor "flâmea" e "vinicolor" pertence à variedade "flâmea". Flor "oculata" e "roxo-violeta" pertence à variedade "oculata". Isto traz um problema: na classificação atual da FCO, a variedade "atro" predomina sobre as variedades de colorido e assim, essas flores, que normalmente tem labelo colorido por fora, como as "rubras" e as "sanguíneas", pelo atual regulamento, deveriam ser consideradas "atros". Outro problema são as variedades "áurea" e "oculata" que frequentemente ocorrem na mesma flor. Como são ambas variedades de forma de colorido, não há predominância de nenhuma. Como classificar? A tendência tem sido classificar como "oculata", já que essa forma é mais chamativa visualmente. Mas nada impede de se expor a planta como "áurea", pois o regulamento é omissivo. Para complicar, com as centenas de cruzamentos atuais entre variedades, estão surgindo plantas que não se encaixam muito bem nas variedades atuais, com tendência a aumentar

bastante no futuro, exigindo constantes atualizações dos regulamentos que por sua vez vão exigir clareza nos critérios de classificação das variedades.

Para resolver esse problema, propomos que:

- A forma do colorido deve ter predominância sobre o colorido, exceto para a variedade "atro", quando conflitar com as variedades "rubra" e "sangüínea". Para as outras variedades de colorido, a variedade "atro" continuará predominando;
- Quando houver dupla forma do colorido no labelo, como por exemplo, "áurea" e "oculata", ou no labelo e pétalas, como "oculata" e "striata", a forma de colorido mais vistosa, a "oculata" deve predominar;
- Quando houver dupla forma do colorido, nas pétalas e no labelo, como "flâmea" e "atro", a forma de colorido das pétalas deve ter predominância sobre a forma de colorido do labelo, e nesse caso a flor seria "flâmea", mesmo sendo também "atro".

I) Categoria I — variedades classificadas pelo colorido da flor

Essa categoria inclui as flores que dependem totalmente do colorido para a sua classificação. Inclui aquelas flores que tem forma de colorido semelhante à flor tipo, ou seja, labelo com lobo frontal de cor diferenciada das pétalas e sépalas e aquelas em que o colorido é homogêneo em toda a flor, como as albas, concolores, rubras e sangüíneas. São elas:

1 – Tipo

Pétalas e sépalas variando do rosa claro ao rosa escuro. Labelo purpúreo. Fauce com estrias.



Fig. 3- *L. purpurata* var. tipo 'Esplendor'



Fig. 4- *L. purpurata* var. tipo 'Claudio Deschamps'



Fig. 5- *L. purpurata* var. tipo 'Carijó'

Esta é a mais comum das variedades, pois representa o tipo dominante e que mais existe na natureza. As sépalas e pétalas podem ser claras, quase semi-albas ou rosadas. A cor do lobo frontal do labelo deve ser sempre púrpura. Hoje existem flores "tipo" grandes e redondas, originárias de bons cruzamentos. Uma das plantas que mais melhorou as "tipos" foi o "tipão Deschamps", matriz das três plantas acima.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo dever ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido púrpura escuro homogêneo. Planta padrão: "tipo Carijó".

2-Ardósia

Sépalas e pétalas brancas ou tingidas de cinza-chumbo. Labelo colorido de cinza-chumbo, com ou sem veias pronunciadas. Fauce branca ou amarelada. Variedade muito rara em tempos antigos. Atualmente com cruzamentos muitas plantas estão disponíveis, entretanto, plantas de forma excelente ainda são raras. Muitas são levemente estriadas nas pétalas. Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo dever ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido ardósia fechado. Admite-se leves estrias nas pétalas. Estrias bem demarcadas caracterizam a variedade "striata". Planta padrão: "ardósia Ribeirão".



Fig. 6- *L. purpurata* var. ardósia 'Ribeirão'



Fig. 7- *L. purpurata* var. ardósia

3 – Cárnea

Sépalas e pétalas brancas ou levemente coloridas. O labelo apresenta colorido de framboesa ou morango, com veias mais ou menos acentuadas. Fauce branca ou amarelada.

Variedade com colorido praticamente exclusivo em flores, mesmo em outras espécies de orquídeas. Muito utilizada como flor de floricultura devido ao sucesso de venda. Infelizmente ainda é uma variedade pouco melhorada. Praticamente todas as plantas foram encontradas no RS. A mais famosa continua sendo a lendária "cárnea Haetinger".

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis, formando um triângulo com o labelo. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido cárnea fechado. Planta padrão: "cárnea Arno Kunz"



Fig. 8- *L. purpurata* var. cárnea 'Arno Kunz'



Fig. 9- Labelo da variedade cárnea



Fig. 10- *L. purpurata* var. cárnea 'CG'

4 – Canhanduba

Sépalas e pétalas brancas ou levemente coloridas. O labelo apresenta o colorido semelhante ao do interior da abóbora.



Fig. 11- *L. purpurata* var. canhanduba 'Deschamps'



Fig. 12- Labelo da variedade canhanduba

Variedade exclusiva de Santa Catarina. As primeiras plantas foram encontradas em Itajaí, junto ao Rio Canhanduba, de onde veio o nome. É quase uma cárnea, porém com colorido do labelo mais suave e rosado, com estrias mais aparentes e amarelo forte na fauce. Existem poucas plantas de boa forma.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo dever ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido framboesa claro. Planta padrão: "canhanduba Deschamps"

5 – Roxo violeta

Sépalas e pétalas brancas ou levemente coloridas; labelo roxo com matizes azulados, com ou sem veias pronunciadas. Fauce branca ou amarelada.

Variedade típica de Santa Catarina muito conhecida como "aço". Muitas plantas dessa variedade foram encontradas em Itajaí, algumas de boa forma como o "aço Crente", "aço Clito", "aço Palco", etc.. Possui um colorido único, mistura de azul com vermelho e inúmeras nuances de colorido, com algumas plantas possuindo labelo quase preto.



Fig. 13- *L. purpurata* var. roxo-violeta



Fig. 14- Labelo da variedade roxo-violeta

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo dever ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido roxo-violeta escuro fechado. Planta padrão: "aço Crente"

6 – Roxo-bispo

Sépalas e pétalas brancas ou levemente coloridas. Labelo com colorido roxo-bispo, isto é, da cor dos paramentos litúrgicos dos bispos católicos.



Fig. 15- *L. purpurata* var. roxo-bispo 'Deschamps 3'



Fig. 16- Labelo da var. roxo-bispo

Variedade típica de Santa Catarina onde muitas plantas foram encontradas. Poucas, entretanto, de forma razoável. Possui um colorido único, muito difícil de descrever. É um colorido rosa brilhante.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido rosa forte fechado. Planta padrão: "roxo-bispo Deschamps 3"

7 – Semi-alba

Pétalas e sépalas totalmente brancas. Lobo frontal do labelo purpúreo.



Fig. 17- *L. purpurata* var. semi-alba 'Gomes347'



Fig. 18- *L. purpurata* var. semi-alba 'Garopaba 2005'

Variedade de poucas plantas verdadeiramente semi-albas. A maioria possui um leve sopro rosa nas sépalas. Muitas das antigas semi-albas, como a "Rio do Sul" e "Antenor", são na verdade "tipos" bem claros. Alguns cruzamentos recentes estão produzindo flores de boa forma, muito superior às antigas semi-albas de mato. Principalmente as tetraplóides, possuem branco leitoso e labelo púrpura escuro, de grande impacto visual.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido púrpura escuro. Planta padrão: "semi-alba Gomes 347".

8 – Suave

Pétalas e sépalas brancas ou palidamente coloridas. O labelo apresenta colorido rosa suave, sem estrias coloridas.



Fig. 19- *L. purpurata* var. suave 'Sissi'



Fig. 20- *L. purpurata* var. suave 'Gomes'

Variedade de poucas plantas de boa forma. As mais conhecidas são "suave Sissi", "suave Osmar Tessmer" e "suave Domingos". Alguns cruzamentos recentes estão produzindo flores de boa forma, mas ainda necessitam melhorar muito. Algumas plantas de cruzamento apresentam labelo rosa mais forte e se transformam em mandayanas, pois ambas não apresentam estrias no labelo.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido rosa suave. Planta padrão: "suave Sissi".

9 – Russeliana

Pétalas e sépalas brancas ou levemente coloridas. Labelo com tonalidade rosa-lilás.



Fig 21- *L. purpurata* var. russeliana



Fig. 22- *L. purpurata* var. russeliana 'Donizete'



Fig. 23- Labelo típico da var. russeliana

Variedade típica de Santa Catarina, abundante na ilha de Santa Catarina até meados do século XX. Foram descritas inúmeras "variedades", que nada mais eram do que "russelianas", com diferentes tonalidades de colorido. Até recentemente dividia-se ainda em concolores, semi-albas e rosadas.

Aqui sugerimos manter apenas uma variedade. Plantas famosas: "Íris" (RS), "Padre Vitus", "Evilério".

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido rosa claro até rosa. Planta padrão: "russeliana Evilério".

10 – Vinicolor

Sépalas e pétalas brancas ou levemente coloridas; o labelo apresenta a tonalidade de vinho tinto.



Fig. 24- *L. purpurata* var. *vinicolor* 'Donizeti'



Fig. 25- Labelo da variedade *vinicolor*

Variedade de colorido belíssimo. Durante anos não teve representantes de boa forma. Os cruzamentos entre a "vinicolor Seidel" e as "vinicolores Deschamps I e II" produziram plantas de ótimas formas, mas ainda é uma variedade que necessita ser melhorada.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido vinho tinto fechado. Planta padrão: "vinicolor Donizeti".

11 – Alba

Sépalas, pétalas e labelo totalmente brancos. A fauce pode apresentar colorido amarelo claro até amarelo-gema. Variedade com poucas plantas de qualidade. Poucas matrizes encontradas tinham boa forma, como a alba "Palhoça".

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado. O branco deve ser puro com colorido amarelo suave ou forte na fauce. Planta padrão: "alba Mato Leitão"



Fig. 26- *L. purpurata* var. *alba* 'MatoLeitão'



Fig. 27- *L. purpurata* var. *alba* '4N Carlos Gomes'



Fig. 28- *L. purpurata* var. *concolor*

12 – Concolor

Sépalas, pétalas e labelo com colorido homogêneo, podendo o labelo apresentar colorido levemente mais acentuado. Podem ter qualquer colorido desde que seja homogêneo nas pétalas, sépalas e labelo.

Raríssima variedade! Algumas russelianas são parecidas com essa variedade (russeliana concolor).

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. As poucas plantas conhecidas são de forma pobre. Planta padrão: "concolor Sander".

13 – Rubra

Sépalas e pétalas fortemente coloridas. O labelo é rubro.

Variedade de difícil identificação pois confunde-se com a variedade "sanguínea. Alguns defendem que seu colorido deve ser mais fosco, não chegando a ser aveludado brilhante, como as sanguíneas. Em SC a mais famosa planta do mato é a "rubra Santa Lídia".



Fig. 29- *L. purpurata* var. rubra 'Itajai'



Fig. 30- *L. purpurata* var. rubra 'Lapurpurata'

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido púrpura escuro. Planta padrão: "rubra Lapurpurata".

14 - Sanguínea

Sépalas e pétalas de colorido purpúreo sanguíneo. Labelo da mesma cor, porém mais intenso.

Variedade extremamente bela e chamativa. A maioria teve origem possui no RS. A mais famosa foi a "sanguínea Mentzi". Hoje, como os cruzamentos existem várias plantas de boa forma. Quase todas são de floração tardia, abrindo quase no mês de dezembro. Seu colorido deve ser brilhante e deve ter textura aveludada. As sépalas podem apresentar estrias mais claras.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido púrpura escuro. Planta padrão: "sanguínea Deschamps".



Fig. 31- *L. purpurata* var. sangüínea 'Nadir'

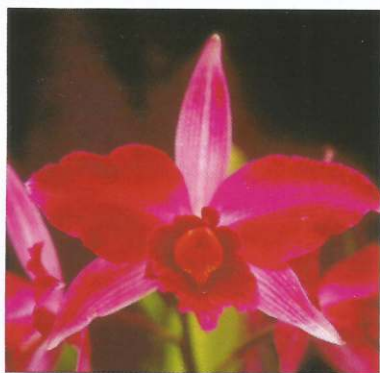


Fig. 32- *L. purpurata* var. sangüínea 'Deschamps'

II) Categoria II — variedades classificadas pela forma do colorido da flor

São aquelas flores em que o colorido forma desenhos na flor, independente do colorido, ou seja, as flores podem ter qualquer cor, o que define a variedade é a forma do colorido na flor e não a cor propriamente dita. São elas:

1 – Anelata

Apresenta na entrada da fauce um anel estreito bem demarcado, de um lobo lateral ao outro. Caso o anel não circunde todo o labelo a flor deve ser classificada como "multiforme".



Fig. 33- *L. purpurata* var. anelata



Fig. 34- Labelo da variedade anelata

Variedade bastante rara. Não se conhecem ainda boas plantas de forma. Seu labelo possui somente um belíssimo anel colorido onde as estrias são interrompidas. O lobo frontal é branco.

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "anelata Adams I".

2 – Argolão

Semelhante a "Anelata", sendo o anel mais largo e não tão nitidamente demarcado ocupando, no máximo, a terça parte do labelo.

Variedade bastante rara. Assim como as anelatas, não se conhecem ainda boas plantas de forma. Seu labelo possui um anel mais largo e o colorido diminui aos poucos, não sendo tão definido quanto as anelatas.

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "argolão Bieging".



Fig. 35- *L. purpurata* var. argolão

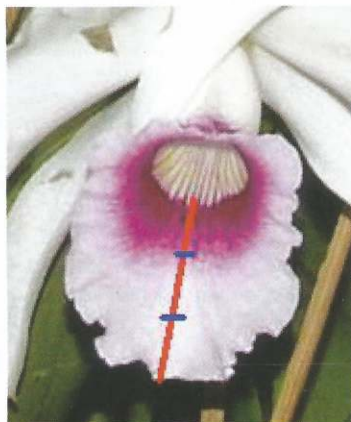


Fig. 36- Labelo da variedade argolão

3 – Áurea

Caracteriza-se pela interrupção das estrias na entrada da fauce, com intensificação do colorido amarelo. As flores "áureas" e "oculatas" devem ser classificadas como "oculatas".

Variedade que normalmente passa despercebida, sendo confundida com a semi-alba. Possui um anel amarelo intenso na fauce, separando as estrias do colorido do lobo frontal. A mais famosa das antigas "áureas" plantas de mata é a "áurea do Seara". Alguns cruzamentos recentes estão produzindo flores de boa forma e possuem branco leitoso, amarelo intenso, visível inclusive por fora do labelo e de grande impacto visual.



Fig. 37- *L. purpurata* var. áurea



Fig. 38- *L. purpurata* var. áurea 'Campeã 2003'



Fig. 39- Labelo da variedade áurea

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O amarelo da fauce deve ser intenso. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido púrpura escuro. Planta padrão: "áurea Campeã 2003".

Obs.: como a forma de colorido predomina sobre o colorido, "russeliana áurea", deve ser classificada como "áurea":

4 – Mandayana

Caracteriza-se pela ausência completa de estrias na fauce.

Uma das variedades mais suaves, com colorido sutil, sem a presença das estrias marcantes da fauce mas com leves estrias e colorido muito suave no lobo frontal. Poucas plantas encontradas na natureza. A mais famosa delas foi a "mandayana Schmidt", da qual descendem quase todas as mandayanas atuais. Junto com as "albas" e "suaves" forma o trio de variedades que não possui estrias na fauce. Alguns orquidófilos a consideram com desenho oposto à variedade "schroederae" (que possui estrias somente na fauce, interrompendo-as no lobo frontal). As plantas originais de mato sofriam de falta de substância e eram flores de tamanho pequeno. Com a clonagem, surgiram plantas tetraplóides, de flores grandes e bastante substância. Espera-se que os cruzamentos destas melhorem e divulguem essa bela variedade.



Fig. 40- *L. purpurata* russeliana áurea, deve ser classificada como 'áurea'



Fig. 41- *L. purpurata* var. mandayana 'Schmidt' 4N



Fig. 42- Labelo da variedade mandayana

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido lilás ou rosa bem suave. Planta padrão: "mandayana Schmidt tetraplóide".

5 – Marginata

Labelo com colorido fechado, com nítido filete branco em toda a borda.

Variedade muito rara! Poucas plantas conhecidas. Normalmente é uma flor tipo que possui na borda do labelo (lobo frontal e lobos laterais) um filete branco bem visível e demarcado. Não deve ser confundida com algumas flores que possuem um filete branco muito fino. O filete deve ser bem visível e chamar a atenção.



Fig. 43- *L. purpurata* var. *marginata*



Fig. 44- *L. purpurata* var. *marginata*

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre.

6 – Multiforme

Labelo apresentando desenhos variados em seu lobo frontal, não podendo ser enquadrado em nenhum outro tipo descrito.

Variedade que normalmente passa despercebida, sendo confundida com outras variedades. Pode ser de qualquer cor, mas não deve se encaixar em nenhuma variedade aceita. A flor exemplo é vinicolor e não se encaixa nas variedades "oculata", "marginata", "reginae" nem tipo. Portanto, uma autêntica "multiforme".



Fig. 45- *L. purpurata* var. *multiforme*



Fig. 46- *L. purpurata* var. *oculata*



Fig. 47- Labelo da variedade *oculata* 'Deschamps'

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: não há.

7 – Oculata

Apresenta duas manchas simétricas e opostas, bem separadas, nas partes laterais do lobo frontal.

Uma das variedades mais marcantes e chamativas. Poucas plantas e a maioria sem forma técnica. A mais famosa oriunda de mato, é a "oculata da Pedreira", encontrada na região de Camboriú-SC. Com a clonagem surgiu uma planta tetraplóide

de tamanho, forma e substância muito superior. Infelizmente ainda é uma das variedades menos melhoradas. Os "olhos" devem ser bem separados, pois algumas plantas têm leve colorido entre eles (chamadas "falsas oculatas" ou "semi-oculatas") e devem ser classificadas com "multiformes". Espera-se que os cruzamentos melhorem e popularizem essa bela variedade.

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "oculata Deschamps".

8 – Reginae

Labelo apresentando em seu contorno uma orla branca bem visível bem como a metade inferior do labelo também branca.



Fig. 48- *L. purpurata* var. *reginae* 'Deschamps'



Fig. 49- *L. purpurata* var. *schroederiae* 'Joca Silva'



Fig. 50- Labelo da variedades *schroederiae*

Variedade muito rara! Descrita na obra de Krackowizer, Monografia da *Laelia purpurata*", de Ferdinand Krackowizer, de 1950, com a mesma descrição atual. É uma marginata com a metade do lobo frontal também branco. Como a forma predomina sobre o colorido, a planta da foto, de colorido roxo-bispo, enquadra-se na variedade "reginae". A planta mais conhecida é a "reginae Domingos".

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "reginae Deschamps".

9 – Schroederiae

Labelo branco, apresentando somente estrias.

Variedade bastante rara ainda hoje. Referida como "schroederii" na "Monografia da *Laelia purpurata*", de Ferdinand Krackowizer, de 1950, contém a mesma descrição, ou seja, a flor contém somente estrias no labelo, sem o colorido que normalmente as acompanha. Algumas plantas conhecidas são a "schroederiae de Corupá" e a "schroederiae Joca Silva". Esta última em alguns anos floresce com o labelo levemente colorido e se transforma numa russeliana.

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "schroederiae Joca Silva".

10 - Atro

O labelo deve apresentar colorido intenso em toda a sua área externa.

Esta variedade não predomina sobre as variedades "rubra" e "sangüínea", quando estas também forem "atros" (exceção à regra.) Também não predomina sobre a variedade "flâmea" quando esta for "atro".



Fig. 51- *L. purpurata* var. *atro*



Fig. 52- *L. purpurata* var. *atro*

Uma das variedades mais atraentes quando as pétalas e sépalas são claras. Alguns clones possuem labelo púrpura muito escuro, quase preto em toda a área interna e externa. A variedade ainda possui poucas plantas e a maioria sem forma técnica. Muitas não têm o labelo integralmente colorido por fora e são chamadas erroneamente de "semi-atro". Espera-se que os cruzamentos melhorem e popularizem essa bela variedade. Já existem "atros" em outros coloridos como roxo-violeta e ardósia.

Nota para julgamento: não dá para se exigir muito nessa variedade. A maioria das plantas conhecidas é de forma pobre. Planta padrão: "atro Deschamps".

11 – Flâmea

Apresenta colorido intenso nas pétalas, acentuando-se em direção à ponta das mesmas.

Uma das mais belas variedades! Bastante aperfeiçoada através de cruzamentos, hoje possui exemplares com flores quase perfeitas. A imensa maioria descende da "vermelhas" aperfeiçoadas pelo grande orquidófilo Walter Haetinger, de Porto Alegre.



Fig. 53- *L. purpurata* var. *flâmea*
'Saci-pererê'



Fig. 54- *L. purpurata* var. *flâmea*
'Lapurpleata'



Fig. 55- *L. purpurata* var. *flâmea*
'Campeã Torres 2006 – Finho'

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido fechado. As pétalas podem ser ou não estriadas ou coloridas. Planta padrão: "flâmea Lapurpurata".

12 - Striata

Caracteriza-se pelas estrias nitidamente demarcadas na textura externa das pétalas.



Fig. 56- *L. purpurata* var. *striata*
'Laranjeira'



Fig. 57- *L. purpurata* var. *striata*
'Valentin'

Outra bela variedade! Muito confundida com a variedade "flâmea", pois alguns cruzamentos produzem estriatas com muito colorido gerando confusão na classificação. O ideal é que a flor tenha as estrias bem definidas contra fundo claro. As estrias, de forma geral, são paralelas, no sentido longitudinal das pétalas.

Variedade bastante aperfeiçoada através de cruzamentos, hoje possui exemplares com flores de excelente qualidade.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido fechado. Planta padrão: "striata Laranjeira".

13 - Venosa

Caracteriza-se pelas veias acentuadas que apresentam os segmentos florais em sua textura interna. Muito confundida com a variedade "striata". As veias devem estar localizadas por dentro das pétalas, como as nossas veias por baixo da pele. De forma geral, as veias são ramificadas.

Variedade bastante aperfeiçoada através de cruzamentos, hoje possui exemplares com flores de excelente qualidade.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas formando um triângulo com o labelo. O labelo deve ser tubular com lobo frontal arredondado e colorido fechado. Planta padrão: "venosa Lapurpurata"



Fig. 58- *L. purpurata* var. venosa 'Lapurpurata'

Fig. 59- *L. purpurata* var. venosa

Bibliografia:

- F.C.O. Regimento Interno da Federação Catarinense de Orquidofilia. FCO. Santa Catarina. Brasil. 2005.
- F.G.O. Regulamento Interno da Federação Gaúcha de Orquidófilos. FGO. Porto Alegre. Brasil. 2000.
- Gomes, Carlos. Grandes Matrizes – *Laelia purpurata* 'Deschamps'. Brasil Orquídeas nº 7. São Paulo. Brasil. 2003.
- Gomes, Carlos. *Laelia purpurata* e seu melhoramento: as vermelhas. Brasil Orquídeas nº 3. São Paulo. Brasil. 2002.
- Hubner, Manfredo. *Laelia purpurata*. Mundo das Orquídeas nº 17. São Paulo. Brasil.
- Hubner, Manfredo. A Fascinante Orquídea *Laelia purpurata*. Mundo das Orquídeas nº 15. São Paulo. Brasil.
- Krackowizer, F. J. Monografia da *Laelia purpurata* suas variedades e seus híbridos. Círculo Paulista de Orquidófilos. São Paulo. Brasil. 1950.
- Menezes, L. C. *Laelia purpurata*. Expressão e Cultura. Rio de Janeiro. Brasil. 1995.
- Ribas, A. de Lara. Orquídeas Catarinenses. Florianópolis-SC. 1986.
- Sander, Aldomar E. A Rainha do Brasil Meridional. Mundo das Orquídeas nº12. São Paulo. Brasil. 2000.

FINA ORQUÍDEA LIVROS

Livraria on-line especializada em orquídeas
Compre ou encomende livros e revistas sem
sair de casa.

Vendas sob consignação

Livros novos, usados e raros

Visite nosso site:

<http://www.finaorquidea.com>

Informações: livros@finaorquidea.com

Caixa postal: 16132

CEP 22221 971 - Rio - RJ

ARANDA

ORQUÍDEAS

A maior
variedade de
Espécies e
Híbridos
selecionados
à venda
para todo
o Brasil.



Tel.: (21) 2742-0628

Fax: (21) 3641-3015

www.aranda.com.br